

CONJUNTO UNIVERSITÁRIO CANDIDO MENDES
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS - CEAA

LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

Prof. João Carneiro

Textos de Apoio IX
NOVÍSSIMA POESIA ANGOLANA

CEAA

1977

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

1971

DÉCADA DE 70

O ALONGADO SILENCIO

Em 1970 acreditava-se numa certa liberalização fundamentada na necessidade de assegurar a «continuidade» do regime. Depois de dez anos de recessão cultural em Angola, durante os quais as mais generosas iniciativas individuais ou colectivas foram destruídas — o caso da Imbondeiro, por exemplo —, alguns grupos sentiram-se encorajados a tentar retomar a actividade literária. Daí o aparecimento, em fins de 1970, do grupo *Convivium*, de Benguela, e o do *Vector*, em 1971, de Nova Lisboa, além de outras iniciativas, como o lançamento em fins de 1969 do suplemento «Artes e Letras» d'A *Provincia de Angola*, dirigido por Carlos Ervedosa e, posteriormente, Orlando de Albuquerque dirige «Artes e Letras» d'O *Lobito*, e o poeta metropolitano, em serviço militar em Angola, Vergílio Alberto Vieira funda o suplemento literário «Convergência» do jornal *Ecos do Norte*, enquanto outros jornais, como o *Diário de Luanda*, mantêm as suas páginas literárias. Todos eles, e não obstante as características próprias de cada um, se preocupam em reflectir aspectos culturais angolanos. É ainda o período da Colecção Idealeda, de Nova Lisboa, dirigida por Fernando Alvarenga, Leiria Dias, Mário Graça e Santos Costa e o da colecção *Capricórnio*, com sede no Lobito, da responsabilidade do citado Orlando Albuquerque, destinada a revelar ou a chamar a atenção para contistas, poetas e ensaístas africanos de expressão portuguesa. E já depois da revolução do 25 de Abril de 1974 é publicada, em Luanda, a revista *Ngoma*, dirigida por João-Maria Vilanova. Vários poetas portugueses ali radicados ou residentes (alguns na prestação do serviço militar) vão surgir ou chamar a si a atenção neste

período e, entre eles, podemos citar João Carneiro e Maria Ângela Pires.

CONVIVIU

UM INOFENSIVO GESTO

Motivada por Filipe Neiva (português desembarcado em Angola por volta de 1963), em boa verdade não se poderá dizer que esta iniciativa tenha ido além de um voo raso. Orientada a partir de uma perspectiva europeia que entendia a cultura angolana como um prolongamento subsidiário da cultura portuguesa, *Conviviu* (1), na sua qualidade de revista de cultura literária, de modo nenhum correspondeu, ainda considerando todos os condicionamentos sociais e políticos, aquilo que o momento requeria. Isto mesmo se aplica (de um modo geral, claro!) às cinco antologias de poesia editadas por Filipe Neiva. Quer na revista quer nas antologias, aí se trouxeram à superfície alguns nomes que pouco ou nada adiantaram para a poesia angolana. Ao cabo e ao resto, *Conviviu* sagrou-se num inofensivo gesto de quem não pretendia levantar problemas. Porém, ainda nas coisas que não são importantes, é sempre possível nelas descortinar algo que por si se impõe e injusto seria esquecê-lo. É o que acontece em relação a alguns colaboradores, dentre eles uns tantos poetas que não se furtaram a dar a sua colaboração. Uns já considerados, por óbvias razões, em capítulos anteriores, e essa a razão porque não são agora tomados em linha de conta, outros por talvez não se enquadrarem na orientação que vimos equacionando, mas que merecem aqui o registo do seu nome: Leiria Dias e Artur Queiroz. Três poetas, então, nos restariam: Fernando Alvarenga, Carlos Gouveia e Jofre Rocha. Preferíamos, no entanto, reservar os nomes de Fernando Alvarenga e de Jofre Rocha para capítulos ulteriores.

E diríamos que em Carlos Gouveia, nascido em Portugal, mas desde tenra idade vivendo nos meios pobres de Benguela («Eu andei brincando com todos os meninos da cidade, / Figa na mão / Comendo mangas verdes, jogando pião»), o referente da sua poesia é lá onde a sua vida se joga, entre «Mana Josefa / Velha Margarida / Comadre

(1) *Conviviu* — boletim cultural, Benguela, 1971-1972. Nove números. Colaboradores — angolanos, entre outros: Arnaldo Santos, João Abel, Jofre Rocha; Jorge Macedo; portugueses radicados: António Cordeiro da Cunha, Artur Queiroz, Carlos Gouveia, Fernando Alvarenga, Filipe Neiva, Leiria Dias.

Neli/ Mais o Zeca Cambuta/ filho do sapateiro/ E o tio Monteiro/ Todos». É assim, como noutros mais, produto de uma aculturação, mas em sentido inverso daquela em que normalmente é entendida em África: transitando, por consciente opção, do europeu para o africano.



Carlos Gouveia (Carlos José da Silva Gouveia. Peniche, Portugal, 9.5.1930). Também os pseudónimos de Savil e Goya. Guarda-livros. Em Angola desde os nove anos de idade. Primeiro ciclo dos liceus. Profusa colaboração na imprensa angolana: *Intransigente*, *Jornal de Benguela*, *Jornal de Angola*, *A Província d'Angola* e *Conviviu*. 1.º Prémio de Lírica nos Jogos Florais de Benguela em 1961. Figura em: *Antologia poética — II*, Benguela, 1970; *Angola, Poesia 71* — Caneloneiro angolano, Benguela, 1972.

Publicou: *Poesia*, Benguela, 1972.

RUA TORTA

Rua torta
Da minha vida
Rua torta
Dos meus amores
Rua torta
Das minhas dores

Rua torta
Sem guarida
Rua torta
Da minha vida

VECTOR

AINDA A PREDOMINANCIA EUROPEIA

Pouco depois do aparecimento de *Convivium*, Bellini Jara, de colaboração com Jorge Huet Bacelar e Fernando Alvarenga, lança, em Nova Lisboa, a revista *Vector* ⁽¹⁾, dedicada à poesia. Sublinhe-se que *Vector* nada tem a ver com o parentesco da política oficial que, no fundo, presidia à direcção de *Convivium*.

Os três responsáveis são homens radicados em Angola, embora Bellini Jara trouxesse de Moçambique a permanência de muitos anos. Por sua vez, Fernando Alvarenga quando chegou a Angola levava já na sua bagagem um livro de poemas publicado. Dá-se conta que também não era da vocação destes cadernos seguir a tradição de uma autenticidade angolana proposta pela *Mensagem* e pela *Cultura*. Certo é também que dois ou três colaboradores de *Vector* contrariam a regra sem que, no entanto, influam na dominante traduzida por uma poesia de desvinculamento regional. Mas, à semelhança do que dissemos para *Convivium*, esses são poetas ou já agrupados anteriormente ou a agrupar no fecho desta articulação. Ficam-nos, assim, Fernando Alvarenga, Jorge Huet Bacelar e Bellini Jara.

Fernando Alvarenga denota um esforço para uma integração regional e, naturalmente que, dada a sua ainda curta permanência

⁽¹⁾ *Vector*. Nova Lisboa, 1971-1972. Três números. Colaboradores — *angolano*: Cochat Osório, Fernando Ferreira de Loanda (radicado no Rio de Janeiro desde 1936), João Abel, Tomás Jorge; *sã-tomenses*: Carlos Alberto Carvalho Jordão; *portugueses radicados*: Alberto de Oliveira, António Bellini Jara, Artur Queiroz, David Mestre, Fernando Alvarenga, Jorge Huet Bacelar, José Fialho.

em Angola, não lhe seria fácil a apreensão segura de um referente cuja complexidade e riqueza para ser dominado exige a um europeu demorada vivência. Mas na sua poesia dessa data já se dá por uma adesão significativa: «Em ti mais entro para ter cá fora/ teu canto nas raízes do meu canto/ e em nosso canto sacudido agora/ a mulher feita de África chorando», adesão que depois se foi acentuando em *Hoje na madrugada*.

Jorge Huet Bacelar, por sua vez, tocado de um lirismo existencial («É minha a hora adiada,/ Minha a força nocturna/ Que erra em meus desertos»; ou «Dói com certeza muito/ na matriz do Absurdo»), em poema inédito comenta, satiricamente, aquilo que ele considera a «receita» para a construção de «cultura angolana», embora «Da cultura africana nem saber»: «Uma vóvó qualquer, de preferência/ Muito velha e negrinha»; ou «Benguela é indispensável/ É um versito em quimbundo é magistral». Se haverá que dar-lhe razão, considerando o artifício de algumas tentativas (gratuitas) na elaboração de uma poesia angolana, a verdade é que não podemos partilhar desse desdém se ele envolver a recusa da legitimidade de uma participação angolana ao nível poético por parte de europeus radicados. É que se, por um lado, havemos de compreender a sua reserva, porque filiada numa atitude de consciente opção, não menos rigoroso será reconhecer o honesto esforço de muitos para se despirem da ganga europeia e se tornarem cidadãos e poetas penetrados do devir histórico do povo africano.

Não será esta a posição de Bellini Jara, embora a maioria da sua poesia (publicada) se mantivesse veiculada a uma substância europeia. De qualquer modo diríamos que, para além do que separa ou aproxima os poetas dos últimos anos, uma coisa os identifica: o terem dentro de si o peso do silêncio. «As agulhas do silêncio/ doiem/ por dentro do silêncio/ corredores e arestas/ espiam-nos por dentro/ contra a pedra/ doiem/ as carnes em silêncio» (Bellini Jara). Silêncio que todos, afinal, procuravam quebrar, mas amarrados continuavam ao medo, ao medo nesse tempo inseguro que todos vivíamos, «cerrando os dentes» cantando ou chorando.



«ARTES E LETRAS» d'A PROVÍNCIA DE ANGOLA

Os poetas aglutinados nos dois últimos grupos, como se pode verificar pelas notas bibliográficas respectivas, foram colaboradores da página literária «Artes e Letras» d'A *Provincia de Angola* ⁽¹⁾. Carlos Ervedosa, por ela responsável, tentou imprimir-lhe, tanto quanto as circunstâncias censórias lho permitiam, uma expressão de angolidade, através da poesia, do conto, da crónica, do ensaio, da crítica, do noticiário e ainda da ilustração plástica.

No que respeita à poesia, além dos poetas que acima referimos, outros das mais jovens às mais velhas gerações ali marcaram a sua presença. Inclusive, depois do 25 de abril de 1974, damos pela colaboração de poetas da *Mensagem* (Luanda) e da *Cultura* (II), em republicação da iniciativa de Carlos Ervedosa. Tal não seria possível, antes daquela data, posto que a Censura não admitia que nomes como, por exemplo, o de Agostinho Neto, António Cardoso, António Jacinto, Luandino Vieira, merecessem sequer uma simples referência. E entre

(Inédito).

⁽¹⁾ Luanda, 1969-1975. Semanal. Colaboradores, entre outros — *angolanos*: Agostinho Neto, António Jacinto, Arnaldo Santos, Carlos Alberto Van-Dunen, Carlos Alves Pereira (+), Carmo Marcelino, Chico Lâmina, Costa Andrade, Ernesto Lara Filho, Geraldo Bessa Victor, Humberto da Sylvan, João Abel, João-Maria Vilanova, João Serra, Jofre Rocha, Jorge Macedo, M. António Manuela de Abreu, Monteiro dos Santos, Samuel de Sousa, Tomás Jorge; *sã-tomense radicado*: Carlos Alberto Jordão; *moçambicano radicado*: Orlando de Albuquerque; *cabo-verdiano residente*: Gabriel Mariano; *portugueses radicados*: Cândido da Silva, Carlos Gouveia, David Mestre, Eduardo Teófilo, Fernando Alvarenga, João Carneiro, Jorge Huet Bacelar, Leiria Dias, Maria de Deus Melo, Mário Mota, Ruy de Carvalho; *portugueses residentes*: Bellini Jara, Maria Ângela Pires, Norberto Duarte, Pires Laranjeira, Ramiro Correia, Virgílio Alberto Vieira, Victor Oliveira Jorge.

os jovens se encontram uns tantos europeus, residindo em Angola por norma prestando serviço militar, o caso de Virgílio Alberto Vieira, Pires Larangeira e até Norberto Duarte, autor de *Espiral indefinida*, 1972. Situação semelhante será a de Maria Ângela Pires. Ou a de um João Carneiro a que já nos referimos. Natural de Angola é Manuela de Abreu cuja sensibilidade se verte na «memória» poética do «canto escondido» que a metáfora, no entanto, descobre: «Sou pastora: guardo amor/ guardo angola aqui por onde/ o meu rebanho é de sol/ que fecundo em cada fronde.»

De Angola serão outros poetas sem livro publicado. Daí um precário conhecimento da sua poesia até porque não nos foi possível consultar todos os números do «Artes e Letras» d'A *Província de Angola*. Estamos a lembrar-nos de João Serra, Chico Lâmina, por exemplo. Ou de Eduardo Brasão Filho, autor de *Sanzala sem batuque* (1972).



Manuela de Abreu (Maria Manuela de Abreu Mala. Bela Vista, Huambo, Angola, 20.6.1939). Branca. 1.º ciclo dos liceus no Colégio Adamastor de Nova Lisboa. Chefe de secretaria. Os seus primeiros poemas foram publicados em 1972 na página «Panorama de Artes e Letras» do *Diário de Luanda*. Tem ainda colaboração em «Artes e Letras» d'A *Província de Angola* e «Convergência» de *Ecos do Norte*.

«EM CADA MANHÃ, DE LONGE»

De longe a cidade
chegava à memória
batendo com dedos
de sombras nos lagos
que azuis rodeavam

AS RECENTES REVELAÇÕES

Parece-nos legítimo, e agora quase a fecharmos as páginas dedicadas a Angola, apartarmos aqui seis poetas: Jofre Rocha, David Mestre, Ruy de Carvalho, João-Maria Vilanova, Montefro dos Santos e Arlindo Barbeitos⁽¹⁾. Todos eles, e cada um à sua maneira, delineiam caminhos sérios para a formulação de uma poesia de inequívoca substância poética angolana. Ruy de Carvalho, João-Maria Vilanova surgiram de imprevisto, com a publicação, respectivamente, de *Chão de oferta* e *Vinte canções para Ximinha*. O mesmo se dando com Arlindo Barbeitos, embora nos socorramos do seu livro prestes a ser publicado na Alemanha e em Portugal: *Angola, angolê, angolêma*. Não estão, por isso, ligados a qualquer grupo específico. David Mestre estreou-se em 1967 com um livro incaracterístico e que de maneira nenhuma deixava prever o avanço que o poeta haveria de ganhar alguns anos depois. Reunimo-lo a este grupo porque antes da publicação de *Crónica do ghetto* (1973) não é justo vinculá-lo a qualquer das várias folhas em que seu nome aparece depois com frequência. É de certo modo o caso de Jofre Rocha. Iniciado no remoto órgão liceal *O Estudante*, transita por outros suplementos, reaparece, como vimos, em *Convivium* e, entretanto surge em «Artes e Letras» d'A *Província de Angola*, antes da publicação do seu livro *Tempo de ciclo* (1973), que o impõe. Tam-

(1) O nome de Manuel Rui, depois da publicação de *A onda* (1973), assentava aqui perfeitamente, se não tivéssemos sido tentados a considerar, apesar de tudo, a data da publicação do seu primeiro livro de poemas (*Poesia sem notícia*, 1966 [?]) e a vincular, assim, o seu nome ao agrupamento da «Década de 60 / Tempo de repressão».

bém contista, atento ao «combate» que «está nas ruas» («Eu vi ontem/ as terras sofridas de Catete»), é muito nítida a persistência de uma incomodidade tensa que nos subúrbios de Luanda ganha a dimensão da tragédia: «No-musseque mal desperto/ no silêncio dos becos estreitos/ soam correrias e gritos/ ecoam bofetões e açoites» (...) «As crianças sobressaltadas/ de olhar aterrorizado/ ouvem gritos, os apitos/ ouvem o pranto dos aflitos/ o tropel dos perseguidos» (...) «Ená... Tem rusga!»

A poesia de David Mestre, aberta à inovação estilística, preenche um espaço social pluriforme onde cabe a denúncia de uma existência violentada («No musseque mal desperto/ no silêncio dos becos estreitos/ soam correrias e gritos/ ecoam bofetões e açoites») ou o protesto directo contra uma situação dolorosa defendida n'co dialecto novo do silêncio, como diria o próprio poeta, mas onde a esperança revive: «Trazer a liberdade amordaçada nos dentes/ trazer nos dentes a alegria do verde».

Ruy de Carvalho é daquela raça de poetas europeus radicados em África que, mercê de uma larga experiência vivida num contacto fundo com variadas gentes, dá-se, por inteiro, à terra africana como se sua fosse: «Na superfície branca do deserto/ na atmosfera ocre das distâncias/ no verde da chuva de Novembro/ deixei gravado meu resto/ minha mão/ minha vontade e meu esperma».

De João-Maria Vilanova (*) vem a mensagem decantada no sonho, na gesta, no anseio, no mito e no sofrimento da sua gente. Povosam a sua poesia figuras várias e representativas do povo luandense. «Dominga» que «foi esperar comboio do Bungo» e «Zefa» que sempre vendera fruta amarga, «Vovô Bartolomeu» que «gostava de parar/ a olhar esses navios» de cartão com que «os meninos em bando» bricavam à navegação. Um dia Vovô Bartolomeu respondeu a Juca Mulato: «Esse (...) é mesmo navio negreiro». Na serenidade da análise, no jeito de contar histórias (são estórias os seus breves poemas ou canções), na reestruturação da viva linguagem mestiça lembra Luandino Vieira, sobretudo enquanto este poeta. João-Maria Vilanova, no tom repousado e tenso do seu verbo retoma, prolongando e renovando, as experiências surgidas com *Mensagem*, continuadas em *Cultura*, sobre as quais se uns lhes querem negar a importância, outros, e bem mais lúcidos, em nossa opinião, presos a elas continuam, conscientes de que aí se traçou o início da grande jornada da poesia angolana.

A este esquema se furta Monteiro dos Santos, mas nem por isso se apouca a dimensão do seu real talento poético. Ou a importância do seu enunciado. «A palavra cresce desfolhada numa horizontal

de silêncio», transfigurando numa tensa metáfora a substância poética da sua poesia. E se «o alfabeto nasce da terra», e quando essa terra é a de um «povo oprimido», então o milagre se anuncia: «um país nasce da terra». O verbo encarna essa ressurreição.

O discurso de Arlindo Barbeitos centra-se no período insidioso da luta colonial: «naquele ano/ que afirmavam de graça/ a morte/ de gorda/ não se podia curvar». Nele se repercute a era da angústia e da repressão, a era do «silêncio» mas d'o grande silêncio/ onde toda a tempestade/ começa e acaba». E se rememora outras épocas, outros tempos é para ironicamente acusar: «saúde/ é o tempo das pacassas pardas/ e macacos sem rabo servindo de administradores» ou «o tempo de patos bravos/ e macacos sem rabo servindo de padres».

É interessante anotar que neste «tempo de ciclos», como lhe chama Jofre Rocha, este tempo de «silêncio», como para trás assinalamos, e aqui se continua, uma das novidades na área linguística, comum a quase todos estes poetas da década de 60 até aos nossos dias, é a da profusão de signos bélicos: catana, dinamite, guerra, gatilhos, pólvora, balas, morte, tambores, tiroteio, lança, flecha, inimigo; ou então de sofrimento: medo, caixão, sangue, morte, terras sofridas, etc. Por vezes lança-se mão do recurso metonímico como, por exemplo, em Arlindo Barbeitos para quem os aviões mortíferos são «pássaros canibais».

(*) João-Maria Vilanova eis um enigma do ponto de vista bibliográfico. Os dados que dele conhecemos em grande parte são os por ele fornecidos ao júri do concurso ao Prémio Mota Veiga.